

Para quem escreve quem hoje escreve?

Luis Maffei

UFF

Resumo

Pensar poesia em anos de prosa, anos talvez hostis ao poético, implica pensar em quem lê e naquele que quem escreve supõe como destinatário ou interlocutor. Este texto resulta de um inquérito com cinco poetas portugueses (Carlos Alberto Machado, Ana Marques Gastão, João Luís Barreto Guimarães, Carlos Bessa e Miguel-Manso), a quem foram propostas duas perguntas: 1 – “Para quem escreve?” 2 – “Que poema de sua lavra exemplifica melhor, ou particularmente, uma dimensão de outro?”. A reflexão articula as respostas e os poemas, procurando cogitar hipóteses para a pergunta do título.

Palavras-chave: poeta; leitor; outro; interlocução.

Abstract

Think poetry in years of prose, years perhaps hostiles to the poetic, involves thinking about who reads and who the writers assume as consignee or speaker. This text result of an inquiry with five Portuguese poets (Carlos Alberto Machado, Ana Marques Gastão, João Luís Barreto Guimarães, Carlos Bessa and Miguel-Manso), for whom two questions were proposed: 1 – "For whom do you write?" 2 – "What poem of your work exemplifies best, or particularly, a dimension of other?". That paper articulates the answers and the poems, looking to cogitate hypotheses for the question of the title.

Keywords: poet; reader; other; speaker.

A remissão a Garrett no título do colóquio “Poeta em anos de prosa”, que motiva este ensaio, é um verdadeiro achado: de novo o poeta em anos de prosa, agora novos anos e novos poetas. O texto de apresentação diz: “‘Temos nós poetas para este século’, um século de prosa informacional e de imagens que se fragmentam, se multiplicam e se dispersam pelas redes de computadores e outros meios de comunicação? Quem são esses poetas? E o que diz essa poesia?”. Esse fragmento já indica quão bem-vindo é este encontro, atento a seu tempo e, com ele, mais ocupado que preocupado. Como poeta, poderia eu próprio dizer coisas. Como alguém que, de variados modos, se enfia em poéticas alheias num corpo a corpo à procura da poesia, especialmente do que a poesia pode fazer em nome do encontro, optei por consultar alguns poetas acerca do que me parece ser um problema fundamental para a poesia neste tempo – em qualquer tempo? –: o outro, o tu, quem lerá, em estado de potência, o

Para quem escreve quem hoje escreve?

que se escreve. Portanto, já começo ouvindo o outro e me metendo nele, criando contato.

O critério para escolhê-los foi bastante não sistemático. Como premissa, todos serem portugueses, já que sou pesquisador de literatura portuguesa. Quis evitar nomes há muito tempo consagrados, como Gastão Cruz e Armando Silva Carvalho, não necessariamente optando por poetas jovens. Não focalizei grupos, joguei a pergunta para poetas que não responderam, o que já implica certo acaso na jogada, mas cinco participaram da aventura. Dirigi-me, é óbvio, apenas a autores cujas obras, de um modo ou de outro, me interessam. As perguntas que fiz foram as seguintes: 1 – “Para quem escreve?”; 2 – “Que poema de sua lavra exemplifica melhor, ou particularmente, uma dimensão de outro?”.

Começo pelo mais velho, Carlos Alberto Machado, um dos *poetas sem qualidades* elencados por Manuel de Freitas para a famosa antologia de 2002. Começo por ele, não por ser o mais velho, mas pela resposta na negativa. Diz-me o autor de *Talismã*: “Se a pergunta pressupõe um determinado destinatário – mesmo que se trate de um anódino e mesmo nebuloso ‘público’ ou ‘leitor’, a resposta terá de ser: não existe destinatário.” Vou com o poeta, devagar: não existe destinatário a partir de uma suposição condicional, “se a pergunta pressupõe” “anódino ou nebuloso público ou leitor”. Em outro caso, haverá? O poeta não sabe para quem escreve ou escreve para ninguém, ou melhor, para um alguém cuja destinação é imprecisável – “Idem para os ‘pares’ poetas; e para a Academia etc.” –? Existe, então, uma espécie de *sem destino* para a poesia, um *Easy rider* marginal, uma mensagem que não sabe quem a encontrará porque, entre outras razões, está enfiada num contexto cheio de outras mensagens?

Segue Carlos Alberto Machado: “Na verdade, talvez procure um outro-mesmo, um duplo ideal. Não sei bem. Talvez a escrita seja apenas um jogo ou uma luta: pelo domínio da linguagem, para manter viva a ilusão de que é possível ‘lá chegar’.” Importa-me, mais que o “outro-mesmo”, o “duplo” que ecoaria uma leitura ideal (não replicando qualquer intenção do autor, posto que se trata de *outro*, mas tendo um ferramental afim ao do poeta), o “jogo” ou a “luta” por “lá chegar”, ilusão mas alimento – mas chegar aonde nesse *Easy rider* pós-utópico? É central no que diz esse poeta que também faz prosa e, o que não importa pouco, também edita: “Não sei bem”: “Não sei

bem” o destino, o “lá” aonde meus versos, e os versos dos outros que dou ao mundo, podem, querem, conseguem chegar.

Que sabe? “Respeito os que detêm a ‘técnica’ e a ‘norma’ poética – mas em mim tudo não passa afinal de uma coisa bárbara: só não sai tal e qual porque receio não poder deter as represálias de quem for abocanhado pela besta à solta...”. Sabe ele que a poesia é “coisa bárbara”, ainda poderosa, cheia de dentes e bestialidade, mas que “não sai tal e qual” um ideal nunca escrito talvez porque exista a linguagem como freio, acelerador e embreagem. O poema que Carlos Alberto arrisca para a parte dois da questão é “Tríptico em negro-azul (a partir de *Terrasse à Rome*, de Pascal Quignard)”:

um

Chamam-te meame o gravador mas eu sei
quem escondes sob o teu nome loreno
aquele que protegeste quando um dia em bruges
quiseste juntar ao teu corpo o corpo da bela nanni
esse nome outros nomes nunca os direi

tive um sonho onde te vi e à tua amada à luz de uma vela
unirem-se com toda a força dos vossos corpos
e dessa união libertar-se um intenso cheiro agridoce
e depois acordei e soube que iria encontrar-te e acariciei-me

e quando aconteceu conhecer-te na minha estalagem
não dormi a noite inteira e também me acariciei
em muitas noites trespassadas de branco o fiz
até o teu corpo ter conseguido romper com bruges
e também tu me acariciaste e me beijaste
e disseste que o meu corpo refulgia de azul
como as tuas placas talhadas à la manière noire
e eu não abri os olhos e perguntei-te o que é isso?
e tu disseste nunca abras os olhos nunca
mesmo de noite não quero que vejas o meu rosto
o meu rosto que já não há ou é mais um mapa
um rosto onde marcaram a água-forte o meu destino

já partiste e eu nunca te confessei que afinal sabia
o que era a tua só tua manière noire aveludada
quando à noite durante o amor se tornava negro-azul

foram muitas noites de olhos abertos e tu sem saberes
sem adivinhares que li todos os caminhos abertos
no teu rosto de couro macio e os segui até saber
onde te levaria o teu destino aí traçado
e a mim também.

Para quem escreve quem hoje escreve?

dois

Quando há pouco descia do monte aventino cruzei-me
com caravaggio que levava no rosto cores indecisas
talvez as das sombras tomadas das minhas sombras
talvez um pouco do luto que arrastei aventino abaixo
onde vi nos olhos do meu filho o desejo de me matar
também adivinhaste a minha morte assim marie aidelle
leste também nos traços do meu rosto este meu fim?
adivinhaste o horror de eu poder ser morto
por um filho incógnito que me odeia sem me conhecer?

o que lêem os outros no meu rosto marie?
contei-te muito da minha vida nas gravuras que fiz
fixei os nossos corpos anónimos nas cartas obscenas
vendidas na loja da via giulia com a tabuleta da cruz negra
mas agora perto do fim vejo o tanto que faltou dizer-te
não te disse como cicatrizaste as feridas abertas dentro de mim
não te disse como os meus olhos fechados viam os teus a olhar o meu rosto
nunca te disse a verdadeira cor do teu corpo
a arte é assim fica sempre alguma coisa por dizer
ou talvez não haja nada para dizer ou não se possa
seja como for não to direi agora de maneira alguma
a minha garganta está quase fechada já não respiro
já não tenho força para fazer o buril rasgar a placa de cobre
ou talvez já não tenha qualquer outra coisa ou tudo
não sei
estás à minha espera no terraço?

três

Meaume o gravador tinha cinquenta anos
quando morreu em roma no seu terraço
nos braços de marie aidelle.¹

O poema é relacional desde a inspiração intertextual – o poeta, antes de tudo, lê, e o eu lírico na parte dois pergunta: “o que lêem no meu rosto marie?” Meaume, o gravador, encontra no romance de Pascal Quignard e no poema de Carlos Alberto Machado uma espécie de representação, ou melhor, encontra num sujeito poético amante algo como uma amorosa representação. Trazendo a angústia de sensibilidades que sabem ficar “sempre uma coisa por dizer” e a morte em silêncio, e a arte dos outros na mala, o poeta é quem joga o papel de destinatário. Pergunto arriscadamente: não há destinatário, mas há acolhimento, há um morrer em braços alheios, há uma *pietà*?

¹ Cada um dos poemas citados segue o envio que os poetas fizeram de seus textos

Se Carlos Alberto Machado falou num “outro-mesmo”, Ana Marques Gastão diz: “Poderia dizer que escrevo para mim, mas embateria num minimíssimo fragmento de resposta. Eu sou o que menos importo. Escrevo dentro do esquecimento.” Primeiro, portanto, um eu que, se destinatário, necessariamente se outrou para que pudesse haver possibilidade de escrita – ou seja, o eu que inspira o texto recebe-o, e só o inspira porque é capaz de se outrar. Mas “eu”, com verbo na primeira do singular, “eu sou”, não é um outro; por isso, “sou”, o verbo, incita mais primeira pessoa, e “sou o que menos importo”, porque outro importa – e o eu, afinal, poderá ser um outro ou a ponte entre eu e outro. O “esquecimento” é do eu? De mim? Diz mais o poeta, ensaísta, jornalista, pessoa da poesia por muitas entradas: “O Outro dir-se-ia invisível, mas existente, e pode ser UM, um ÚNICO UM, ou a representação imagética de uma mão que não alcança.” Nódulo do que diz Ana: buscar o outro, grafado com maiúscula, é encontrar o risco de não o encontrar, ele que é terceira pessoa que, às vezes, não se converte em segunda, já que “invisível”, escapando à “mão que não alcança”, leitor único, como terá dito Fiama Hasse Pais Brandão, imagem, ficção que o texto inventa e que precisa inventar o texto.

Tu, disse eu? Sim, porque o disse ela: “Abordar esse Outro num discurso seria acolhê-lo na ideia de infinito para onde a escrita se encaminha. Esse TU não é infinito”, como não o são muitas coisas que fazem sentido no espaço e no tempo – as obras também morrem, metamorfoseiam-se, remorrem, nascem em tempos de movimento, portanto com limites – ou há um infinito nessa reinvenção de limites? O mar, por exemplo, clara realidade com limites metamórficos, para diante e para baixo, lugar de criação, imenso outro que nos inventa quando nele estamos ou nele escrevemos. Lugar também da garrafa que arremessamos para um exterior que talvez encontre um tu que nos devolva algo. Diz a autora de *Lápis mínimo* que o “TU” “surge no poema do exterior e só o interior exteriorizado me interessa, tal como o terceiro olho, o ‘olhar do interior’, referido por Merleau-Ponty, que vê o que lhe falta por intermédio de ‘uma visão devoradora’”. Terceiro olho, paisagem complementar ou suplementar, o dentro posto fora, correndo perigo.

É o desejo que escreve por mim, por isso escrevo para NINGUÉM na medida em que a proximidade de ALGUÉM contém em si a impossibilidade. Escrevo por entre o sobressalto de farpas, de deslocamentos, desvios, na roda do que já não é, ou nunca virá a ser.

Para quem escreve quem hoje escreve?

A escrita do desejo é a escrita do movimento. Impossível não pensar que um dos motores do desejo em poesia portuguesa é Camões, basta ver a recorrência da palavra e de seu verbo equivalente n’*Os Lusíadas*. Não me detenho aí, apenas indico. Para Ana Marques Gastão, o desejo precisa, enquanto luta por se mover e enquanto, lutando ou não, se mantém em estado de escrita, da imprecisão do rosto alheio, sabido mas desconhecido, “NINGUÉM”. O “já não é” pessoano de “Isto” recebe, nesse depoimento, um acréscimo em estado de lapso, ou um entendimento do que já era lapso em Pessoa: “Invento dentro da separação. Permaneço por instantes, desajustada, no intervalo, designado em música por diferença de altura entre duas notas. Sou um semitom. Nessa diferença estou só.” Nem um tom, nem outro, um semitom, o entre, o lugar que pode ser solidão, mas também ardência, ar comburente, música, ainda.

O poema de Ana:

Cintura

Deixo-te ir, dizendo palavras inabitadas, tenebrosas. Sou caruma, vento violento, borboleta esvaziada pela malignidade. Procuvo, em minha perplexidade de asa, um outro coração. Na avidez do golpe, caminho com água pela cintura. Desapareço.

O poema indica a procura de “um outro coração”: transplante ou encontro? Ao contrário de Pessoa, Ana usa o “coração”, por isso desaparece em renúncia que, no fundo, é condição para o poema e, conseqüentemente, para a prática de outrização: o outro existe ainda que não se o veja, e o poema, um outro que dá vida ao eu poético, é perplexo, cheio de vazios mais ou menos obscuros, espaços convidativos de leitura.

João Luís Barreto Guimarães encontra-se, no começo de seu depoimento, com coisas já ditas pelos outros poetas: “Julgo que escrevo para mim e para um leitor imaginário que gosta da minha escrita. Não sei se ele existe, tenho esperança que sim.” O leitor imaginário existe na imaginação e na exterioridade; existe, pois, destinatário, mesmo que esteja no território de uma suposição esperançosa. E existe o gosto, item fundamental da relação, aspecto inegociável da recepção da obra de arte – entendo gosto como ato de apreciar o que vem de fora para dentro, seja um poema, um filme ou um beijo; esse gosto será a liga do contato, sem o qual não faz sentido haver poema nem leitura, escrita nem acolhimento.

João Luís comenta, na sequência: “Não posso dizer que não escreva para mim porque me tento superar a cada livro, tento ‘melhorar’. Nesse sentido, escrevo os poemas que gostaria que outrem escrevesse (para mim).” A profissão exige aprimoramento, um pouco da técnica que Carlos Alberto Machado performatiza, ou *finje*, recusar. Bárbaro é o beijo, o gosto, a caruma, mas tem técnica o poeta, o gravador, mesmo que seja a técnica do desaparecimento – da própria técnica, da norma? O poeta, tornado leitor de si mesmo, tenta melhorar, tornar-se melhor poeta, escrever os poemas que “gostaria que outrem escrevesse” para si. Na outrização, o poeta vira leitor do poeta que só é poeta porque virará leitor. Nesse movimento, o poeta João Luís Barreto Guimarães torna-se leitor do poeta João Luís Barreto Guimarães enquanto procura aí outro poeta.

Não seria excessivo cogitar que, segundo o autor de *Você está aqui*, escrever para si mesmo exige sempre um moderador: “Não posso dizer que não escreva para mim” não é o mesmo que *escrevo para mim* – cuidado semelhante teve Ana Marques Gastão, mas, em vez de negar a negação, Ana vai para uma hipótese, que acaba por não se cumprir plenamente, na condicional. Adiciona João Luís mais leitores: “E escrevo para o Luis Maffei por uma questão de vaidade, porque quero ser amado enquanto escritor e quero escrever cada vez mais surpreendentemente para não o desiludir. Escrevo portanto contra mim próprio, contra o que já fiz, para o melhorar.” O poeta me cita por razões óbvias: também sou poeta, submeti-lhe o inquérito, já escrevi sobre sua obra e, enfim, editei-o na coleção Portugal, 0. Mas meu nome, nessa simpática subjetivação, funciona como metonímia de leitor crítico, alguém que pode devolver ao poeta sentidos sutis de sua poesia.

O poeta, numa vaidade que conspira em favor do texto, quer ser lido, gostado, bem criticado. Nesse sentido, o prêmio que João Luís Barreto Guimarães quer para o que escreve se assemelha ao que Camões ambicionava em vida para sua obra, dito dentro da obra: uma leitura culta, capaz de mergulhar nos sentidos mais finos dos versos e pô-los em situação de produção futura de sentidos. Na vaidade em pauta, o poeta contra si quer ter ao lado alguém que aponte para uma obra em desenvolvimento, na qual a morte do já escrito (morte para o autor, pois o leitor sempre ressuscita o que está lendo), aduba a vida do a escrever. Ao contrário de Carlos Alberto Machado, o poeta desenha um par, também poeta e acadêmico, não um “duplo ideal”. O poema dado

Para quem escreve quem hoje escreve?

como exemplo por João Luís encena, já nos primeiros versos, o encontro rascunhado na resposta:

A meias

Bebo o meu café enquanto bebes
do meu café. Intriga-me que faças isso.
Se te posso pedir um
(se podes tomar um igual)
porque hás-de querer do meu?
Que
não. Que não queres. Escuso
de pedir
que não queres. Então
começo um cigarro e tu fumas
do meu cigarro dizes
«tenho quase a certeza de
não acabar um sozinha» por isso
fumas do meu.
Dá-te gozo esse roubar de
leves goles furtivos
dá gozo participar
do prazer que eu possa ter
contigo
(e entre nós)
dá-se agora tudo
a meias.

É ambíguo o texto. De um lado, a partilha de prazeres e experimentos (a poesia é para gostar, assim como o café, o cigarro), partilha que liga o leitor-crítico ao poeta que se lê enquanto lê o leitor-crítico, liga as palavras ao leitor – o que se diz é de quem lê, não de quem escreveu, mas ambos, quem lê e quem escreveu, ocupam o espaço dos versos. De outro, uma talvez implacável impossibilidade de completude, uma situação “a meias”, o que lembra, pela gana de criar o que não caiba em partes, o desejo que Ana indica como motor da sua esferográfica.

A questão que move este experimento, para quem escreve quem hoje escreve?, já traz em si a suposição de que existem leitores para a poesia. Eles são poucos, mas existem, por isso há encontro. Já posso dizer que me interessa pouco, quase nada, a questão das novas tecnologias e dos meios de comunicação, que não vejo, ao menos ainda, afetando ou modificando o texto poético em sua composição. Interessa-me, isso sim, em tempos de disseminação muita, inclusive de poemas, mas de excessiva velocidade, tecnológica e outras, e de novas escravidões, tecnológica sobretudo, para

quem escreve os que escrevem, já que há encontro, mas, em tempo de prosas demais, é encontro sofrido.

Diz Carlos Bessa, em breve resposta sem poema indicado: “em relação à primeira questão, escrevo para todos, sempre em meu nome e apenas em meu nome. Em relação à segunda, não lhe sei dizer. É uma resposta que deixo para os que me leem”. *Eu*, primeira pessoa indiscutida, sempre em nome “meu” e apenas nesse lugar, de novo “meu” – a reiteração é muito interessante: “sempre”, “apenas”, “meu”, “meu”, ou seja, amplidão e restrição adverbiais, repetição pronominal em primeira pessoa –, poeta, escrevo. Entre as respostas que compõem o âmago deste ensaio, a única que afirma tão taxativamente uma voz unívoca emitida pelo poema é a de Carlos Bessa, e suspeito de algo bem distinto da “coisa bárbara” de Carlos Alberto Machado.

A primeira pessoa demarcada escreve para uma terceira do plural, um “todos”, não um tu, um outro, um crítico, mas “todos”. O plural permite que um poema seja vários, um para cada um do “todos”. Isso é óbvio, mas fica mais interessante pela diversidade suposta, na qual cada um do todos terá um poema diferente, quão mais diferente for cada um do “todos” em relação a cada outro. Uma única obra, múltiplas leituras. Ou nem tanto? Haverá excessivas afinidades eletivas entre leitores de poesia, ao menos num determinado tempo, a ponto de impedir tamanha diversidade? Haverá um lugar-comum mais ou menos restrito? Haverá comunidade restrigente? Haverá, por outro lado, destinatário impossível no “todos”, como sugeriu Carlos Alberto Machado, ou um exemplar, ou contraexemplar, do ninguém dito por Ana Marques Gastão?

Creio que há comunidade, espaço de partilha, não sei se restrigente, mas sei que criativo. Bessa não indicou poema seu, e como o poeta ver-se de um dentro exógeno fazia parte deste jogo, não cito eu poema do autor de *Em trânsito*. Não obstante, como ele respondeu às perguntas no corpo do e-mail, mantendo a estrutura das cartas eletrônicas, há uma despedida: acima da assinatura, a expressão “Saudações poéticas”. A interlocução está proposta, com afetividade, e suposto um tipo de comunicação entre dois capazes de se saudar poeticamente. Um deles, o receptor da mensagem, será também receptor da poesia, e alguma coisa quererá fazer com ela, ou a partir dela, inclusive indicar, no lugar do poeta, um poema de sua lavra que exemplifique melhor, ou particularmente, uma dimensão de outro. Que fale, portanto, o leitor, que fale o poema, o poeta falará menos.

Para quem escreve quem hoje escreve?

De modo ainda mais radical, Miguel-Manso dá resposta brevíssima: “para ti”. Para mim? João Luís Barreto Guimarães deu-me esse lugar, mas o lugar é meu enquanto é de todos os que se me assemelham na condição de leitores experimentados. Mas para mim, pois também para mim, e não para mim, pois o tu da resposta só me encontra porque eu a li. Agora, quando partilho com todos os que me ouvem, o tu do ti é cada um dos que escutam o nome do poeta e o poema, inédito, que ele escolheu:

20.

e que valor prático tem o que faço
casa terrivelmente humana que arrendarei
às inquilinas leituras estranhadas

O poema pertence a “uma sequência de 52, correspondente à primeira parte de um livro em construção e por isso inédito”, diz Miguel-Manso. Todos, como todos os escritos do autor, são “para ti”, dedicados a uma segunda pessoa, tão vaga quanto precisa. Não alguém, não outro, não leitor, apenas “para ti”. Contudo, o tu exige a leitura, que, da extrema impessoalidade, vai à pessoalidade máxima. Ou seja, o que era, como disse Bessa, “todos”, pois todos recebem para si o “para ti”, torna-se ninguém, pois ninguém é dono da palavra tu, do sintagma “para ti”. Mas depois o ninguém é cada um que leu o poema, e que o terá de maneira irrepetível, especial, se não única, ao menos singular.

“e que valor prático tem o que faço”, pergunta, sem ponto de interrogação, o poema. Quem escreve hoje? Quem os poetas que nos interessam mais? Com quem eles estão falando em anos de rapidez às vezes impensante? Ainda uma política na utilidade e/ou inutilidade da arte, pois um artista se questionar sobre o que faz implica um questionamento sobre o lugar disso no mundo, na comunidade, nos resquícios quilombolas. As “leituras” são “estranhadas”, espantadas diante do poder do verso, forçadas, por isso, a rever diversas verdades. Que diz a poesia feita hoje? Entre muitas outras coisas, que o poema ainda é “casa terrivelmente humana”, lugar de espanto, finitude, relação e, não me parece nada estranho dizer, poder. “e que valor prático tem” esse poder? Não sei, por isso aqui estamos, falando disso, e certamente sairemos ainda sem saber, mas num não saber melhor.

Que dimensão tem esse poder? O autor de *Ensinar o caminho ao diabo* deixa-me com a última de suas palavras, afim a estranhamento. Não estou preocupado com o silêncio que cerca a poesia nestes tempos, dado relativo e mais interessante se pensarmos num nível ilusoriamente macro, logo menos afetuoso. Se a poesia portuguesa das últimas décadas vem lidando com a perda de poder da palavra, ou melhor, vem encenando uma palavra menos poderosa, noto que alguns poetas, não apenas e não necessariamente os mais recentes, mas alguns dos mais recentes, Miguel-Manso inclusive, pegam no estranhamento e fazem dele um gesto de humilde poder. A “casa terrivelmente humana” do poema só se abre quando paramos um pouco para habitá-la; aí, muitas das certezas informacionais ou comunicacionais mais breves e palatáveis se desbaratam, e o mundo fica estranhado, menos óbvio, mais humanamente engenhariado. Sem respostas definitivas, sem que os poetas aqui aparecidos proponham qualquer unânime viés ou via, essa resposta, graças a eles, é possível: para quem escreve quem hoje escreve? Para os habitantes da casa, invisíveis, de destinação difícil, todos os que lerem, um tu, um eu em progresso. E mesmo hoje, enfim, versão nossa e inescapável da palavra tempo.

Minicurrículo

Luis Maffei é professor de Literatura Portuguesa da UFF e poeta, cujo livro mais recente é *40* (Oficina Raquel, 2015). Foi contemplado, em 2013, com o prêmio Icatu de Artes, pelo conjunto da produção. Como ensaísta, escreveu, entre outros, *Despejo quieto*: ensaios sobre poesia portuguesa (EdUFF, 2015). Organizou vários livros, como *Poetas que interessam mais*: leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa (Azougue, 2011), em parceria com Ida Alves. É coeditor da Oficina Raquel, para a qual promove a coleção Portugal, 0, que, desde 2007, edita no Brasil nomes da poesia portuguesa de agora. É Pesquisador Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ).